

MAIO

Photo

ANNO. DE 1815

NUM. 35.



IDADE D'OURO

DO BRAZIL.

Terça feira 2 de Maio.

Fallai em tudo verdades

A quem em tudo as deveis.

So e Mtranda

B A H I A.

Chegou aqui huma Escuna Parlamentaria, Americana, com prisioneiros Inglezes que foraõ tomados na altura de *Tristão da Cunha* em hum navio Inglez: os feridos ficaõ no hospital.

• Dos papeis publicos da Europa sabemos, que *Murat* está em discordia com o *Papa*, e como elle desconfia, que a politica do Congresso não consentirá no throno de *Napoles* hum Soberano illegitimo, e creatura de *Bonaparte*, trata de augmentar as suas forças e de se fazer temido na *Italia*. He verdade, que no Congresso ainda não se fallou sobre a sorte de *Napoles*; mas ha grande probabilidade, de que *Murat* se verá na precisão de abdicar a corõa. Qual seja o seu successor não sabemos, porém do discurso seguinte, se infere que *Fernando IV.* he apontado. Este discurso foi apresentado ao Congresso, e he muito arrazoado.

Toda a armação do grande Imperio, elevado por aquelle que se cria o *Homem do Destino*, tem cahido a pedaços, e he *Bonaparte* o primeiro dos grandes Conquistadores famosos na historia, que tem, antes de morrer, visto voltarem a seus antigos Senhores os Estados que elle conquistára, aniquilada a sua gloria, e aniquilado o seu poder. A *França* está outra vez debaixo do sceptro paternal dos *Bourbons*; a *Hespanha* debaixo do de seus Monarcas; o *Papa* recuperou os seus Estados; *Genova* a sua liberdade; o *Piemonte* goza de novo o seu Soberano. A *Austria* entrou na posse do *Milanes*, da *Toscana*, das *Provincias Illyricas*: a *Prussia* recuperou quanto havia perdido: o Eleitorado de *Hanover* voltou para a *Inglaterra*: virá a reinar hum dia na *Suecia* hum Loco-tenente de *Bonaparte*, e verá o joven herdeiro daquelle throno esquecidos os seus direitos? Conservará hum dos *Cunhados* do *Usurpador* o throno de *Napoles*, e ficará para sempre despojado delle o legitimo Soberano?

He a favor deste ultimo que o *Cavalleiro de Rocca* ultimamente dirigio ao Congresso de *Vienna* hum eloquente Discurso, no qual se observa huma logica vigorosa e urgentes raciocinios. Primeiro que entre no assumpto faz as

seguintes reflexões: "No meio da alegria commum a toda a Europa, ha ainda hum pequeno número de pessoas que, levadas do seu particular interesse, ou por motivos que optimamente se conhecem, não têm outro fim senão criticar, vituperar, e ridicularisar as sabias instituições que os Soberanos legitimos tem estabelecido em seus Estados. Taes pessoas devem entrar no número das que ainda estão iscadas do principio contagioso e envenenado da destruição das cousas mais sagradas; pois se se quizesse seguir suas maximas perniciosas, deverião todos os Estados da Europa ser totalmente transtornados, e mudados segundo suas extravagantes idéas.,,

Depois de ter mostrado que não he o interesse nem a esperança de recompensa quem dirige a sua peana; que já mais pediu nem quiz, e que unicamente o guia o amor da sua patria e do seu Soberano, declara o Cavalleiro de Rocca ser o restabelecimento do Nestor dos Monarcas existentes sobre o throno de *Napoles* imperiosamente exigido pela justiça, pela sã politica, e pela honra. — Invoca este axioma *Res redat ad Dominum*: (o seu a seu dono): traz á memoria que o Reino de *Napoles* he huma propriedade dos *Bourbons* que alli nascêrao; que pertence a seus pais por direito de conquista; que pertence aos filhos por direito de successão, e que os mais solemnnes tratados lhes haõ garantido a posse delle. Se os interesses dos Estados, que são os dos seus Soberanos, se podessem regular por outras leis que não fosse as da justiça, de que servirião os tratados, as allianças, as garantias? Que ficaria sendo o direito de successão ao throno, e que Principe estaria seguro de transmitir a sua posteridade a herança de seus maiores?

Mas independente dos incontestaveis direitos que lhe foraõ transmittidos sem *Fernando* titulos particulares, que fazem ainda mais justa a sua causa, e mais sagrados os seus ditos. Conservou sempre este Principe constantemente, e de boa fé, a alliança com a *Inglatera* e com os Soberanos confederados; fez immensos sacrificios a favor da causa commum, tanto em gente como em dinheiro: resistio com inalteravel constancia a todas as ameaças, a todas as vantagens offerecidas, a todos os perigos. "Que Soberanos, (diz o Senhor *Rocca*) no meio das desgraças que agitaraõ o seu reinado, manifestou caracter mais nobre, mais firme, e mais leal? Poderá já mais esquecer-se disso a *Grã-Bretanha*?,,

Que pôde oppôr a direitos taõ incontestaveis, e taõ sagrados, aquelle que presentemente occupa o throno de *Napoles*? De que modo o obteve? Foi por direito de conquista? Mas, ainda quando allegasse esse direito, elle seria nullo, segundo os principios declarados pelos Soberanos alliados: seria nullo, principalmente, segundo o Tratado de *Paris*, por quanto neste se adopta por base invariavel, que todos os Tratados de Paz feitos precedentemente com *Napoleão Bonaparte* pelas Potencias Alliadas, seraõ considerados como nullos e de nenhum valor. Assim, que o Reino de *Napoles* seja ou não seja conquista do Rei *Joaquim*, ou hum donativo a elle feito pelo Usurpador, já-mais, (diz o Senhor *Rocca*) lhe pôde este throno pertencer: não lhe pertence nem por direito de successão, nem por direito de investidura, nem por direito de eleição.

Dirá elle que esta coroa lhe foi dada por *Bonaparte*, em recompensa dos serviços que lhe fizera? Mas ainda mesmo que estes serviços não fossem dirigidos a transtornar a Europa, os thronos, a ordem social, e a Religião, sempre a dadia ficava annullada e destruida pelo Tratado de *Paris*. — Allegará elle com a alliança que contrahio com o Imperador d' *Austria*? Porém tendo as

Potencias, no seu Tratado de confederaçãõ contra hum Governo despótico e destruidor, jurado não se separarem em quanto não houvessem quebrado o jugo da Europa, não podião já obrar senão de acordo, e os seus Tratados não devião ser distinctos, nem separados, em interesses communs. Podem acaso as Potencias reconhecer huma alliança feita sem terem parte nella, e sem o seu assenso? "Devem ellas permittir (diz o Cavalleiro Rocca) que se despeje da sua herança hum Soberano legitimo? Que lei, que politica pôde authorisar isto? Que! para conservar no throno hum Estrangeiro que até estes ultimos tempos foi vosso inimigo, ha de se expulsar o Soberano legitimo, hum Rei alliado, que jámais desmentio nos principios da honra; que por sua fidelidade tem soffrido tantos males, e que he geralmente desejado por seus vassallos? Que doutrina pôde jámais permittir se dê aos Soberanos taõ funesto exemplo? Sõmente o propollo seria huma offensa feita a todos os Thronos.,"

Observa o Author que tendo os Soberanos alliados pegado em armas para pôr termo ás usurpações, e para restabelecer a Europa na sua antiga ordem, com tratados que qualquer dos Principes alliados houvessem feito separadamente, nenhum poderia ser obrigatorio para os outros, e que ficavaõ mesmo com o cunho da nullidade. Depois disto, examina-se, quando o Governo *Napolitano* contrahio huma alliança com a *Austria*, a boa fé e a lealdade tiveraõ parte neste ajuste, ou se não foraõ a necessidade e o temor quem sõmente decidio *Joaquim* a esquecer-se de quanto devia ao seu bemfeitor; e se taes motivos podem excluir do Throno de *Napoles* o seu legitimo Rei.

"Se por inesperada fatalidade (prosegue o Author) o legitimo Soberano do Reino de *Napoles* tivesse precisão de recourir á força das armas para expulsar do seu Throno aquelle que o occupa, não devião acaso os seus parentes, em virtude dos mais sagrados vinculos, auxiliallo com todo o seu poder? Poderãõ a *França* e a *Hespanha* dispensar-se disto? Vós mesmo, ó Principes alliados, não estais obrigados a protegello? Se, graças ás vossas armas victoriosas, os Soberanos perseguidos entraõ de novo na herança de seus maiores, que razãõ ha para que seja unicamente excluido o Rei de *Napoles*? E que desventurada seria a situaçãõ deste Reino, se continuasse a ser governado por aquelle que alli agora reina! A discórdia, as dissensões, e todos os males resurgiriaõ a cada momento. Hum Governo estrangeiro he hum pezo insupportavel a hum povo habituado a ser governado por seus Soberanos legitimos. Mais cedo ou mais tarde desabafará o povo, e huma vez dasenfreado nada o poderá conter. . . .,"

Depois de ter deste modo provado que a justiça e huma politica assizada requer o restabelecimento de *Fernando* no throno de *Napoles*, demonstra facilmente o Senhor *Rocca*, e em poucas palavras, que a honra imperiosamente o exige: "A honra das Dynastias reinantes poderá por ventura consentir que soffraõ os Soberanos alliados, no meio da sua augusta companhia, hum usurpador e hum estrangeiro que, sem direito algum á Corõa, enxovalha a magestade do Throno, e cuja naçãõ não tem aquella alta idéa que os outros Povos da Europa fórmaõ dos seus Soberanos? Poderãõ jámais os Grandes do Reino, a Nobreza, e os Cidadãos, considerallo como seu Rei, e interessar-se na honra do seu throno, quando a seus olhos não he mais que hum desconhecido e hum estrangeiro?"

Entrarãõ neste Porto as Embarcações seguintes.

Em 17. Do Rio Real a Sumaca S. José, Mestre Francisco Remão, 24.

horas de viagem, carga açucar, farinha, e milho. **Dono Manuel José.**
Em 17. Das *Alagoas*, a *Sumaca Conceição*, **Mestac José Joaquim de Oliveira**, 5 dias de viagem, carga algodão, açucar, e madeira de construcção. **Dono João Ignacio de Souza.**

Em 17. De *Pernambuco*, o *Brigue Hespanhol*, **S. José**, **Mestre e Dono José Batheler**, 6 dias de viagem, carga farinha de trigo, vinho, e aguardente.

Em 18. Da *Cotinguiba*, *Sumaca Bom Jesus*, **Mestre Antonio de Barros**, 3 dias de viagem, carga açucar, e mel. **Dono Antonio Diniz.**

Em 18. Do *Rio Grande*, a *Sumaca Gloria*, **Mestre José de Souza Neves**, 37 dias de viagem, carga carne, cêbo e couros. **Dono João José Marques.**

Em 19. De *Lisboa*, o *Brigue Paquete de Lisboa*, **Mestre Manoel José do Nascimento**, 43 dias de viagem, carga sal, e varios generos. **Dono Francisco Antonio de Amorim.**

Em 19. Do *Rio Grande*, o *Brigue Cacimbo*, **Mestre Joaquim José Vaz**, 7 mezes, e 10 dias de viagem, carga carne, cêbo, e couros. **Dono Candido Rodrigues Ferreira.** Esta Embarcação teve huma arribada.

Em dito do dito, a *Escuna Lucrecia*, **Mestre Victorino Marques de Mattos**, 37 dias de viagem, carga carne, cêbo, e couros. **Senhoria Dona Anna Maria Rosa.**

Em 20. do dito, o *Bergantim Ezequiel*, **Mestre Francisco José Lopes**, 38 dias de viagem, carga carne, cêbo, e couros.

Em 20 De *Lisboa* o *Navio Carlôta*, **Mestre José Luis Negreira**, 43 dias de viagem, carga varios generos. **Dono Bernardo José Ferreira de Barros.**

Em 20 De *S. Catharina*, a *Sumaca Deligente*, **Mestre Antonio Jacinto da Silva**, 31 dias de viagem, carga carne, arrôs. **Dono Joaquim José Duarte Silva.**

Embarcações que estão a sair.

Para o *Rio Grande* a 4 de Maio *Bergantim Caçador*, **Mestre Bernardo José da Costa**, **Dono José Nunes Ribeiro.**

Para o *Rio Grande*, a 4 do mesmo a *Sumaca S. Amaro*, **Mestre Antonio Dias Portugal**. **Dono Manoel José dos Santos.**

Para o *Rio Grande* a 8 do mesmo, a *Sumaca Pastorinha*, **Mestre José Antonio Rodrigues Pena**, **Dono José Gomes de Amorim.**

Para *Avana*, a 8 o *Bergantim Imperador Felix*, **Mestre Manoel José da Silva**, **Dono José Antonio de Siqueira Braga.**

Para *Lisboa*, a 8 o *Bergantim Paquete de Lisboa*, **Mestre Manoel José do Nascimento**. **Dono Fernando Antonio de Amorim.**

A V I S O S.

Em o dia 14 de *Abril* á noite fugio huma negra, por nome *Tomazia*, de estatura ordinaria, fula, muito magra, doente da mão esquerda, com huma saia de chita roxa; quem della souber, a pôde entregar ao seu proprietario *Joaquim de Almeida*, assistente a *S. Francisco de Paula*; quem se apresentar será recompensado do seu trabalho.

Vende-se humas casas tetreas de pedra e cal, na *Itaparica* pertencente ao casal de *Luis de Mogalhães*, falle com o dito que mora no beco do *Nogueira* para o arco de *S. Barbara*.

O *Capitão Manoel Joaquim do Passo*, vende hum mulato, bom official de *Alfagate*, e cozinhado, quem lho quizer comprar, falle-lhe em casa do *Coronel José Antonio do Passo*, á quitanda nova.

Com Permissão do Governo.

ABAHIA NA TYPOG. DE MANOEL ANTONIO DA SILVA SERVA.

ANNO. DE 1815

NUM. 37.

IDADE D'OURO
DO BRAZIL.

Terça feira 9 de Maio.

Fallai em tudo verdades
A quem em tudo as deveis.

BAHIA.

Resumo das noticias da Europa, extrahido do *The Courier* de 1815.

NO Tratado da *Gran-Bretanha* com a *America do Norte* justou, que no momento em que se trocaram em *Washington* as ratificações, serão logo enviadas ordens aos Exercitos, ás Esquadras, aos officiaes, subditos, e cidadões das duas Potencias para cessar toda, e qualquer hostilidade. (*Este tratado foi feito em Londres no principio de Janeiro; estamos já em Maio, e as hostilidades continuão; mas agora recebemos por Gibraltar a noticia de que as ratificações forão trocadas, e assignadas em Washington.*)

O Commercio dos Portuguezes com as *Indias orientaes* he hoje muito extenso. Anteriormente só hiaõ dous, ou tres Navios á *China*; e dobrado número a *Bengala*: hoje consta-nos, que ha treze Navios para a *China*, e vinte e quatro para *Bengala*.

Fez-se huma preciosa troca entre as extremidades oriental e occidental do *Globo*. O algodão do *Maranhão*, cultivado em tanta abundancia no *Brazil*, foi transplantado para as *Indias orientaes*, e foi muito bem succedida a experiencia; e debaixo do patrocínio do Excellentissimo Senhor Cavalleiro *Araujo*, hoje Ministro de Estado, foi transportada da *China* para o *Brazil* com Jardineiros *Chinezes* huma boa porção de plantas d'arvore do chá, as quaes mostraõ, que produzirão abundante colheita deste importante vegetal.

O certo he, que a pimenta da *India* se tem propagado tanto no *Brazil*, que em breve poderemos fazer grande exportação deste genero para a *Europa*; e se acontecer o mesmo com o chá seremos senhores de dous ramos de Commercio muito consideraveis. Parece, que os nossos antepassados erão mais curiosos do que nós a este respeito; porque huma grande parte das fruetas, e drogas do *Brazil* são oriundas da *Asia*, donde elles queriaõ trans-

planar tudo para o *Brazil*, mas de certo tempo para cá cossou este ge-
nio de industria, e o *Brazil* ficou estacionario.

Em huma carta do Padre *Vieira* escripta ha 130 annos para *Lisboa* lemos
que os Jesuitas, hoje chamada dos *Luzanos* havia muita pimenta
de *Castella*; e depois (não sabemos porque fatalidade) desapa-
receu a pimenta. Na mesma carta se quer a *Padre Vieira* da fal-
ta de pimenta, e desmizera com que se principiava a tratar destas cou-
ras. *Antes* de elle, tem propagado aqui muito o gengibre porque se es-
ta de deffender a terra para não ser perseguido.

A paz concluida com as Potencias *Burbarescas*, diz o *Courier*, vai au-
gmentar consideravelmente o *Commercio do Mediterraneo*. *Luiz XVIII.* hon-
rou a *Marquiza de Wellington* com hum precioso aparelho de louça de *Ser-
vet. Talayrand* no Congresso tem contrahido grande amisade com *Wellington*.

As tropas *Russas* retirando-se de *Hamburgo* deixaraõ aquella praça em
grande socego; e desvanecidas todas as suspeitas de novas guerras, princi-
pia alli o *Commercio* a girar com muita actividade, e segurança.

Por huma *Ordem Regia* do *Rei de França* ordenou-se, que todos os an-
nos em 21 de *Janeiro* se celebrassem as *Exequias* de *Luiz XVI.* No *Ce-
miterio da Magdalena*, lugar em que se enterraraõ os preciosos restos da-
quelle infeliz *Monarca*, collocou-se huma caixinha de carvalho coberta de
chumbo, com duas medalhas, huma de bronze, outra de prata, as quaes
de hum lado mostraõ a cabeça de *Luiz XVIII.*, e de outro esta inscripção:
a *Luiz XVI.* em 21 de *Janeiro* de 1815. Poz-se outra caixinha igual em
cima da primeira pedra do *Monumento* projectado na *Praça de Luiz XV.*

No *Jornal de França* vem a descripção lugubre do que se passou em *Pa-
ris* em 21 de *Janeiro*, a qual vai fielmente copiada no artigo seguinte:

FRANÇA.

Paris 22 de *Janeiro*.

Montem pelas oito horas, *Monsieur* e os dois *Principes* seus filhos se diri-
giraõ ao *Cemiterio da Magdalena*, onde chegaraõ poucos instantes primeiro
que o *Décano* dos *Principes* da *Casa de Bourbon*, e o ultimo deste ramo taõ
venerado. Logo depois da sua chegada, foraõ collocados no *Carro funeral* os
dois féretros de chumbo que encerravaõ as preciosas reliquias dos objectos
desta venerada e augusta cerimonia, e se deo ordem para comegar a mar-
cha. Hia adiante grande número de *Officiaes Generaes e Superiores*, segui-
dos de hum destacamento de *Caçadores montados*. Marchavaõ apõs estes
Companhias dos *Regimentos do Rei e da Rainha*, levando as armas em fu-
neral, e o soturno som das trombetas e tambõres cobertos de pannos pretos,
parecia convidar a natureza a participar do sentimento de tristeza que em
todos os semblantes se divisava. Depois da *Infanteria* de linha desfilavaõ
muitas *Companhias* da *Guarda Nacional* de pé e de cavallo. O soberbo *Cor-
po* dos *Granadeiros Reaes* formava a vanguarda da *Casa do Rei*, que levava
à frente hum destacamento de duas *Companhias* de *Mosqueteiros*. Seguiaõ-se
depois os tres primeiros coches, que hiaõ separados dos outros por *Caval-
ligeiros* e hum destacamento da *Guarda-do-Corpo*. Nesses coches, cobertos
de pannos pretos, hiaõ os *Ministros*, os *Grão-Dignitarios* do *Reino*, os *Bis-
pos*, os *Eclesiasticos* addictos ao *Capellão Mõr*, e *Officiaes-Mõres* do *Paço*.
Os *Principes* do *Sangue* hiaõ em coches a oito cavallos cobertos de panno
preto salpicado de lagrimas e lizes de prata: hiaõ *Criados* a pé ao lado das
portinholas. Em hum dos coches hiaõ, *Monsieur*, o *Senhor Duque de Angou*

me, e o Senhor Duque de Berry, exprimindo em sua continencia os sentimentos de que estavaõ penetrados. Atraz dos coches dos Principes seguia-se os Reis d'Armas a cavallo, e com o uniforme grande: annunciava a sua presença o Carro em que hiaõ depositados os assumptos de nossos Reis e de nosso pranto.

Que consolação não sentia o *Francoz* que sempre fóra humo dos discursos de hum Povo que existio por algum tempo em humo estado de opressão, aquelle Rei e aquella Rainha tão benignos, tão benévolo e tão illuminados. O Rei jámais recusou a justiça, e a Rainha jámais se recusou a graçado que lhe não estendesse a caritativa e consoladora mão. Celebrava o funeral em meio deste concerto de bençãos e dos acedidos da dor.

O sarcófago que encerrava os dois féretros hia todo coberto de veludo preto: sobre o panno mortuorio hia o Manto Real, e sobrecahia ao mesmo panno hum ló preto acatasolado de prata, e a coroa de *França* terminava a pyramide. No centro desta armação, e adiante, divisavaõ-se os escudos das armas de *França* e d'*Austria*, sobreposta em ambos a Coroa de *França*, e nos quatro lados outros quatro escudos, o ló roubava á vista os attributos da Realeza. Rodeava o Carro hum destacamento dos *Cem Suissos*, e hia escoltado por pobres de ambos os sexos, com torchas nas mãos, e huma especie de murça preta nos hombros. Atraz delles marchavaõ os Guardas-do-Corpo de pé e de cavallo em fileiras serradas, e terminava o acompanhamento hum destacamento de Gendarmas da Guarda, e artilheria, que hia dando tiros de espaço a espaço. — Esta Milicia da Casa Real, tão brilhante no momento em que *Luiz XVI*, subio ao throno, e que elle não reformára, se tivera junto de sua Pessoa fieis Ministros e homens d'Estado, parece haver sido restaurada agora para ornar sua trasladação.

Chegou o funeral pelo meio dia á *Porta-de-S. Diniz*, onde o Clero o aguardava. Os dois obeliscos desta Magnifica entrada de *Paris* estavaõ cobertos de panno preto, d'onde se viaõ pendentes as Armas de *França*, e palmas de prata; lia-se alli a terna inscripção seguinte:

*Dormiam cum patribus meis,
Condarque in sepulchro majorum meorum.*

Depois de haver passado a *Porta-de-S. Diniz*, encaminhou-se o acompanhamento ao seu destino. A Igreja onde foraõ depositados os féretros, estava armada de preto, e alumiada com a maior profusão de vélas. Todos os que assistiraõ á cerimonia na Igreja estavaõ vestidos de preto. Reuniraõ-se Musicos, de conhecido talento, aos da *Capella Real* para executarem as peças mais excellentes e proprias d'aquelle solemnidade. Pelas duas horas, recitou o Abade *Boulogne*, Bispo de *Troyes*, a Oração funebre, e quando acabou toda a cerimonia eraõ quatro horas e meia.

Os Principes, os Marachaes de *França*, e grande número de Officiaes superiores, jantáraõ em *S. Diniz*.

P. S. Em huma Gazeta de *Alemanha* lemos, que os impostos são muito grandes naquelle Imperio sobre os proprietarios. O Governo *Austriaco* augmentou o imposto de cincoenta por cento sobre os diversos ramos de industria estrangeira; porque, diz elle, a passagem do estado da guerra para o estado da paz he acompanhada de difficuldades; e por isso he necessario ter em actividade hum numeroso, e dispendioso Exercito.

Entrarão neste Porto as Embarcações seguintes.

Em 3. De *Gibraltar*, o Bergantim *Real Portuguez*, Mestre Thomaz Joa-

quin Anjo, 37 dias de viagem, em lastro de pedra. Dono Antonio Luiz Ferreira.

Em 4. Do Rio de Janeiro, o Bergantim Paquete da Bahia, Mestre e Dono João Francisco d'Almeida, 12 dias de viagem, carga fazendas da India, e farinha de trigo.

Em 5. Do Rio de Janeiro, o Bergantim Americano Portuguez, Mestre Antonio José de Souza, 52 dias de viagem, carga 302 cativos. Dono Francisco

Em 6. Do Rio de Janeiro, a Capitania do Espirito Santo, a Sumaca Graça Divina, Mestre João Francisco d'Almeida, 6 dias de viagem, 9 pessoas de equipagem, carga milho, arroz, e fio de algodão. Dono João Antunes de Siqueira.

Em 7. Do Rio Grande, o Bergantim Vencedor, Mestre Antonio José Ferreira de Baria, 23 dias de viagem, carga carne, cebo, e couros. Dono João das Neves Silva e Azevedo.

Em 8. Do Rio de Janeiro, a Sumaca S. José Grande, Mestre Luiz Alves Lessa, 20 dias de viagem, carga fazendas da India. Correspondente Euzébio Alves da Silva Guimarães.

Embarcações que estão a sair.

Para o Rio da Prata, a 10, o Hyate Conceição, Mestre e Dono José Fernandes Pinto.

Para Lisboa, a 15 a Galera Carlota, Mestre José Luiz Nogueira, Dono Bernardo José Ferreira de Barros.

Para Santa Catharina, a 14 a Escuna Maria, Mestre Joaquim de Almeida. Dono Joaquim José Duarte Silva.

Para o Rio de Janeiro, a 15 a Sumaca S. Antonio Aviso, Mestre João Antonio Jacinto. Dono Antonio dos Santos Jacinto.

Para o Porto Alegre, a 17 o Bergantim Nelson, Mestre José de Souza Neves. Dono Joaquim José da Silva Maia.

A V I S O S.

No cortume do Ramalho, está á venda a excellente escravatura, chegada de Moçambique.

José Felippe dos Santos, ao Beco do Garapa, vende Rapé bom da Princeza por preço comodo; na loja N.º 17.

No dia Quinta feira 11 do corrente, o Consul Americano venderá em Leilão 800 barris de carne salgada, pertencentes ao Governo dos Estados Unidos, com respiro de 6 mezes, por letras seguras sobre esta Praça.

Ha no Trapiche Bernabé, hum amarra de linho de boa qualidade, de 16 ½ polegadas, para vender; quem a quizer comprar, falle no mesmo Trapiche, a Nicoláo Copque.

Precisa-se de huns poucos de negros serventes, para trabalharem nas obras do Senhor do Bom-fim; quem os tiver, falle com o Thesoureiro Antonio Pinto de Carvalho, na rua direita do Caes novo.

Vende-se em hum Armazem a S. Barbara carne do Sertão a 1120 a arroba, querendo porção he a 1000, e por libras a 40 réis.

Cem Permissam do Governno.

BAHIA NA TYPOG. DE MANOEL ANTONIO DA SILVA SERVA.